

COLUNA DO HERÓDOTO

O ATENTADO



Heródoto Barbeiro (*)

A tentativa de matar o líder falhou. Mas ele ficou gravemente ferido. Levado imediatamente ao hospital mais próximo foi socorrido pela equipe de plantão.

Ninguém podia imaginar que em um dia de grande aglomeração fosse perpetrado um atentado. Os seguranças estavam em toda parte e não era previsível que alguém pudesse passar despercebidamente por eles e ferir o líder. A multidão se comportava como se um frenesi tivesse se apossado de todos. O melhor momento para matar o político seria quando ninguém estivesse atento no meio de um burburinho geral, gritos, saudações de toda ordem.

Até mensagens de apoio estavam espalhadas pelo ambiente e a impressão que dava é que só tinham apoiadores por ali. Talvez por isso a segurança foi relaxada, afinal, ele costumava se misturar com o povo e não era muito difícil dizer-lhe alguma coisa, ou fazer um pedido. O país estava tumultuado pela crise que vinha passando, e uma multidão de desempregados, mendigos famintos, marginalizados de todo tipo se acumulavam pelas ruas e prédios públicos.

Ninguém sabia exatamente para onde ele conduziria o país. Seus discursos públicos não demonstravam moderação, pelo contrário, desafiava os que considerava macconados com o passado que insistiam em não permitir a construção de uma nova sociedade baseada na igualdade de todos.

A responsabilidade pela autoria do atentado foi imediatamente descoberta pela polícia que levou várias pessoas para a delegacia. Ele é um traidor da pátria e por isso merecia morrer. Não tinha o direito de radicalizar o discurso jogando uns contra os outros e prometendo saídas milagrosas para a crise que o país passava. Foi uma declaração misteriosa que deixava dúvidas quanto ao papel de cada um envolvido no episódio.

Havia forte suspeita se a ação tinha como mote uma posição política de oposição contra o líder, ou fora engendrada por fanáticos que misturavam religião, política, ódio e até motivos raciais. Não havia uma só testemunha que pudesse descrever com detalhes os momentos que antecederam o atentado. Afinal havia ou não sangue na roupa do líder? Haveria apoio por parte de potências estrangeiras no crime para desestabilizar ainda mais o país?

Os jornalistas se perderam totalmente. Uns correram para as redações para divulgar o

ataque, outros ficaram no local da tentativa de assassinato para apurar outros fatos e entrevistar possíveis testemunhas que estavam próximas ao local do crime. Outros, ainda, não arredaram pé do hospital, pressionando os médicos para que dissessem alguma coisa sobre o estado geral do paciente e se possível um comunicado oficial.

O país todo estava em suspense. O que poderia acontecer caso ele morresse? O radicalismo de posições políticas poderia incendiar ainda mais a disputa política que colocava os partidos nas extremidades do espectro ideológico.

“Eu disparei hoje contra ele. Disparei contra ele por convicção própria. Disparei várias vezes, mas não sei quantas. Não contarei nenhum pormenor em relação à arma. Disparei contra ele porque o considero um traidor e a sua existência irá destruir a crença no socialismo”. Estas declarações constam do inquérito policial obtido no mesmo dia, talvez sobre grande pressão psicológica. Chamava a atenção a rapidez com que Fania Kaplan assumiu a autoria do atentado.

O que dizia parecia ter sido decorado horas antes. Vinha de um campo de trabalhos forçados, esteve cega durante um período e, apesar de recuperar a visão, usava grossas lentes nos olhos. Como poderia ter acertado Lênin quando entrava no carro oficial para deixar o local de um grande encontro político? Repetia que tinha dado vários tiros. Uns diziam quatro, mas testemunhas diziam que ouviram três estampidos.

Levado às pressas ao hospital, Lênin tinha dois ferimentos graves. O terceiro tiro disparado por Fania Kaplan não acertou o líder do governo bolchevista. Era o momento mais crítico da revolução. A guerra civil tomava conta de todo o país, os monarquistas eram apoiados pelas potências militares que lutavam contra os alemães. Os analistas ocidentais não apostavam nem na sobrevivência do regime, nem do seu líder mais carismático. Erraram.

Wladimir Ulianov, o Lênin, e sua ditadura na Rússia sobreviveram apesar das turbulências políticas. Kaplan era militante de um partido de extremíssima esquerda para quem o comunismo tinha que ser implantado imediatamente, custasse o que custasse, e essa não era a política dos bolchevistas. Foi executada sumariamente em uma garagem. O regime sobreviveu até 1989, com a queda do Muro de Berlim.

(*) - É editor-chefe e âncora do Jornal da Record News em multiplataforma.

Cidades com extrema desigualdade sofrem mais com tuberculose

A tuberculose tem maior incidência, tanto na população prisional como na população em geral, em municípios com extrema desigualdade na distribuição de renda

Em localidades com boa distribuição de renda, a incidência da doença é menor. A conclusão é de pesquisa de doutorado de Daniele Maria Pelissari e do professor Fredi Alexander Diaz Quijano, da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP.

Segundo o estudo, nas cidades com maior desigualdade a população não encarcerada também está submetida a condições de fragilidade econômica e vulnerabilidade social, o que determina a incidência da tuberculose. Já nas cidades com melhor condição socioeconômica, as prisões concentram ainda grande número de doentes porque têm condições mais vulneráveis.

“Identificamos que a importância relativa da exposição às prisões sobre a incidência da tuberculose varia segundo as condições socioeconômicas dos municípios. Isso significa que estratégias focalizadas para o fim da tuberculose devem considerar o contexto socioeconômico”, explicou Daniele. Nas cidades com extrema desigualdade de distribuição de renda, a incidência da tuberculose na população prisional é de 1041,2 pessoas por 100 mil pessoas privadas de liberdade ao ano. Entre a população não prisional,



Estratégias focalizadas para o fim da tuberculose devem considerar o contexto socioeconômico.

a incidência é de 67,5 pessoas por 100 mil pessoas ao ano.

Já nos municípios com boa distribuição de renda, a incidência de tuberculose na população prisional é de 795,5 pessoas por 100 mil pessoas privadas de liberdade ao ano. A incidência de tuberculose na população não prisional é de 35,6 pessoas por 100 mil pessoas ao ano.

“A população em geral está bem assistida economicamente, então ela não adoece de uma doença relacionada à pobreza. Quem vai adoecer é quem está na prisão porque as condições são muito precárias”, disse Da-

niele sobre moradores de cidades com menor desigualdade.

No estudo, os pesquisadores avaliaram a associação entre a exposição às prisões, a taxa de incidência de tuberculose e sua interação com a desigualdade da distribuição de renda nos municípios de 2013 a 2015.

Foram analisadas 137.698 pessoas com tuberculose, das quais 10,7% eram privadas de liberdade em 954 cidades que em 2014 tinham pelo menos uma unidade prisional. Os resultados, segundo a pesquisadora, podem nortear as ações contra a doença de acordo com a situação socioeconômica.

“Por exemplo, intervenções focadas na população prisional teriam um impacto substancial na incidência de tuberculose em cidades com boa distribuição de renda, pois aí a ocorrência da doença está mais concentrada em populações mais vulneráveis”, disse. No entanto, nos locais com extrema desigualdade na distribuição de renda, as estratégias focalizadas para reduzir os efeitos de fatores socioeconômicos também devem ser priorizadas, segundo Daniele, “pois a população não encarcerada desses municípios também está em condições de vulnerabilidade” (ABR).

Servidores públicos poderão reduzir jornada de trabalho

Servidores públicos federais poderão pedir redução de jornada de oito horas diárias para seis ou quatro horas por dia, com redução proporcional da remuneração. É o que estabelece a Instrução Normativa nº 2 do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, publicada ontem (13) no DOU.

A medida vale para mais de 200 órgãos da administração pública federal direta, autarquias e fundações públicas federais e estabelece ainda os critérios e procedimentos relativos à jornada de trabalho, ao controle de horários na acumulação de cargos, empregos e funções, ao banco de horas e à utilização do sobreaviso para servidores públicos federais.

A redução de jornada deverá ser autorizada observado-se o interesse da administração pública, e poderá ser revertida novamente em integral, a pedido do servidor ou por decisão do órgão.

Servidores de alguns cargos e carreiras não poderão requerer o benefício, como advogados e assistentes jurídicos da AGU ou órgãos vinculados; delegados, escrivães e policiais federais; e auditores-fiscais da Receita, Previdência e do Trabalho.

Também não é permitida a concessão de jornada reduzida aos servidores efetivos submetidos à dedicação exclusiva ou sujeitos à duração de trabalho prevista em leis especiais. Por meio de um sistema eletrônico de frequência, as horas excedentes, além da jornada regular do servidor, serão computadas como crédito e as horas não trabalhadas, como débito (ABR).

Atriz pornô lançará livro sobre romance com Trump

A atriz pornô Stephanie Clifford, mais conhecida como Stormy Daniels, afirmou ontem (13) que publicará um livro em outubro no qual contará detalhes sobre seu suposto relacionamento amoroso com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. O affair com o republicano começou em 2006, pouco tempo depois de a primeira-dama norte-americana, Melania, ter tido o filho mais novo de Trump, Barron.

Daniels ainda revelou, em entrevista à rede “CBS”, que fez sexo sem camisinha com o magnata e manteve contato com ele por um longo tempo. Acrescentou que o livro, intitulado “Full disclosure” (“Divulgação completa”, em inglês), será lançado no dia 2 de outubro e que ele é dedicado a sua filha. “Realmente acreditaram que eu guardaria algo? Vou escrever tudo, e as pessoas poderão pensar o que quiser de mim, mas ao menos é a verdade”, afirmou Daniels ao programa “The Views”, da emissora “ABC”.

A atriz ainda revelou que o livro trará detalhes do suposto relacionamento com



Stormy Daniels trabalha na obra há quase 10 anos.

Trump que não foram ao ar na entrevista à “CBS”, realizada em março. De acordo com Daniels, ela foi proibida de falar alguns acontecimentos que eram “muito importantes”. Ela contou que já está trabalhando no livro há quase uma década e que, além do suposto affair com Trump, revelará mais detalhes sobre sua carreira na indústria do cinema pornográfico e nos clubes de striptease.

Trump sempre negou publicamente ter tido uma relação extraconjugal com a atriz

pornô, mesmo após seu ex-advogado Michael Cohen ter se declarado culpado de oito acusações, incluindo o suborno para comprar o silêncio de Daniels. O lançamento do livro pode agravar ainda mais a situação de Trump na Casa Branca. O caso entre o presidente dos Estados Unidos e Daniels foi revelado em janeiro, pelo diário “The Wall Street Journal”, que citou um pagamento de US\$ 130 mil feito à atriz para ela se manter em silêncio (ANSA).

Doação de livros para biblioteca do Museu Nacional

Um dos prejuízos causados pelo incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro foi a destruição do acervo da Biblioteca Francisca Keller (BFK), do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Para reerguer a biblioteca, fundada há 50 anos, o programa iniciou uma campanha para receber doações de livros e publicações. “A Biblioteca Francisca Keller foi incinerada, mas não morta. Uma biblioteca só morre quando não tem mais leitores. Nós temos leitores. Agora precisamos de livros”, diz o texto da campanha.

Interessados em doar podem saber mais detalhes no site da campanha, onde há informações sobre os livros que foram queimados e títulos que já foram doados por outras pessoas ou

institutos de pesquisa. A biblioteca tinha 37 mil volumes e era considerada uma das mais importantes na área de ciências sociais no Brasil e na América Latina. Seu acervo era principalmente de obras contemporâneas e contava com títulos importantes para os pesquisadores do programa e de outras instituições de ensino.

O Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social tem nota máxima (sete) na Capes e foi um dos mais afetados pelo incêndio no Museu Nacional. Grande parte de seu acervo sobre etnias indígenas, por exemplo, foi consumido pelo fogo. Salas de aula e de pesquisa que ficavam no palácio precisaram ser realocadas no Horto Botânico, assim como salas de professores e pesquisadores.

Na Espanha, aprovada exumação de restos mortais de Franco

O Congresso dos Deputados da Espanha aprovou ontem (13) o decreto que permitirá exumar os restos mortais do ditador Francisco Franco (1892-1975) do Vale dos Caídos, monumento que ele mesmo mandou construir. A maioria revalidou o decreto aprovado pelo Governo do socialista Pedro Sánchez, embora tanto o conservador Partido Popular (PP) como o Ciudadanos (liberais) se abstiveram na votação.

Em defesa do decreto-lei, a vice-presidente do Governo, Carmen Calvo, alertou que não haverá “paz sem justiça” enquanto se mantiver a “atroz

anomalia” que representa o fato de o ditador estar enterrado junto com suas vítimas, ao mesmo tempo que criticou PP e Ciudadanos por “olhar para o lado” quando o assunto é a ditadura. Por outro lado, PP e Ciudadanos criticaram que a exumação de Franco seja feita por decreto, já que não é uma questão urgente, depois de 43 anos enterrado no Vale dos Caídos.

Eles acusaram Sánchez de usar este assunto como uma “cortina de fumaça” para tapar sua incompetência e sua fraqueza no Parlamento, já que os socialistas contam com 84 cadeiras das 350 da Câmara.

Os deputados que apoiaram o decreto de exumação romperam em aplausos após a votação e dirigiram seus olhares para a tribuna de convidados, na qual acompanhavam o debate vítimas da ditadura e o hispanista e historiador irlandês Ian Gibson.

A exumação do ditador, que governou a Espanha de 1939 a 1975 após uma guerra civil (1936-1939), é polêmica entre os que consideram que é uma mostra de reconhecimento da memória histórica e os que pensam que abre velhas feridas, atrapalhando a reconciliação nacional (Agência EFE).